

Literatura de Cordel RAIMUNDO SANTA HELENA

ADEUS, FILHO



ADEUS, FILHO

Você Renato Luiz
No escuro era brilho
No deserto era chuva
No trem da vida o trilho!
Quis o destino cruel
Que meu mais triste cordel
Fosse pra você meu filho...

Lembro-me de sua mãe
Da maternidade vindo
Com você nos braços dela:-
Era um anjo dormindo!
Aquela semente nova
Hoje desce nesta cova
Que tudo vai engolindo...

O Brasil perdeu um jovem
E um grande marinheiro!
No silêncio dos jazigos
Ouço sons do cometeiro
E os tiros em rajadas!
Lágrimas são derramadas
Num corpo sem travesseiro...

Você era uma festa!
Pra todos um amigo
Sem ódio mágoa nem vícios!
Foi um leal campeão
Nos esportes e da Paz!
Agora inerte jaz
Na boca fria do chão...

Lampião matou meu pai
Há mais de 50 anos!
Perdi as cinco-irmãs
E mataram meus 2 manos!
Minha mãe se foi também
Sem revelar pra ninguém
A direção de seus planos...

Minha filha genro neta
Em Recife vão ficar
Meu último filho homem
Se prepara pra casar
Por isso já foi embora
Eu e a mulher agora
Sozinhos vamos chorar...

Todo amor deste mundo
Nós doamos a vocês
(Ynah Raimundo Renato)
Igualzinho para três
Repartimos nossas vidas
Hoje semidestruídas
Nesta missa de um mês...*

Deus nos deixou os amigos
Cujos calor nos inspira
Mas o que resta de nós
Está preso numa tira!
Até parece que tudo
Que fizemos ficou mudo
Como se fosse mentira... FIM

* Igreja Santa Cruz, dos Militares, 26-2-86, 4ª f., 11 horas: R. 19 de Março, 36.

Aspirante RENATO LUIZ do Nascimento: Filho do ex-combatente da Marinha de Guerra, Raimundo Luiz do Nascimento (cordelista paraibano Santa Helena) e da operária carioca Yara de Souza Nascimento (Yara Lêdo Maltez). Renato Luiz nasceu em 16 de junho de 1963, quando sua família já morava em Rocha Miranda, Rio de Janeiro. Tinha 2 irmãos: Ynah de Souza Nascimento (professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco) e Raymundo Luiz do Nascimento Netto (capitão da Marinha – Fuzileiro Naval). Só tinha uma sobrinha (Rachel de Souza Nascimento Abejdid, 2 anos).

Renato Luiz nasceu de parto normal com mais de 3 quilos e 51 centímetros, no Hospital N. S. da Glória. Fez o jardim de infância no "Externato São Sebastião" (Rocha Miranda), hoje Colégio. Ali estudou até a 3ª série do antigo Primário, passando com média 95 (2º lugar). Fez parte da Bandinha de Música e de todas as solenidades e festividades da escola, cuja diretora, Amélia dos Santos Paula e o saudoso Celestino, deslumbravam-se com a assiduidade e a aplicação do aluno Renatinho, que era muito estimado por todos. Lá estudou com as professoras Amélia dos Santos, Sônia e Maria de Lourdes. Fez a 4ª série na "Escola Municipal Conde Afonso Celso" (Bento Ribeiro) com a professora Eudélia e a diretora Maria Helena. Da 5ª a 8ª séries estudou na "Escola Municipal Irineu Marinho" (Honório Gurgel) com as professoras Mary, Neuza e Nice. Teve aulas particulares com o professor Paulo (R. Corumbiara) e a professora Edilde (R. Ivinhema). Em Madureira estudou computação no CEOP, inglês no CCAA (professora Bárbara) e fez o preparatório para ingresso nas Forças Armadas no "Curso Martins" (mestre Cardoso, Titio).

Em 1978 Renato Luiz fez provas e passou para a "Escola Técnica Visconde de Mauá" (Marechal Hermes), "Colégio D. Pedro II" (São Cristóvão), "Escola Técnica Federal Celsó Suckow" (São Cristóvão), "Escola Preparatória de Cadetes do Ar" (Barbacena) e Colégio Naval (Angra dos Reis). De 1979 a 1985, como aluno do Colégio Naval e aspirante da Escola Naval, foi aplicado nos estudos e destacou-se na disciplina, no companheirismo, no

volibol, levantamento de peso e natação, conquistando 5 medalhas de ouro, 7 de prata e uma de bronze, nos confrontos com outros jovens das demais escolas militares e universidades civis.

No Largo do Sapê (Rocha Miranda), onde nasceu e se criou, Renato Luiz foi o campeão absoluto de bola de gude, jogo de hotão, pingue-pongue, totó, pipa, volibol e futebol "pelada". No frescobol era imbatível. Fundou o jornalzinho "Universo" e o time infantil de futebol de salão "União Mirim Esporte Clube" (UMEC), que treinava na quadra do 99 Batalhão da Polícia Militar (coronel Cosme e sargento Condé).

Com 22 anos de idade, Renato Luiz estudou 18. Mas desenvolveu, paralelamente, amplas atividades esportivas e de lazer em 9 estados brasileiros: Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Brasília. Em criança participou 3 vezes das colônias de férias do CIAGA e do Clube dos Sargentos da Vila Militar. Renato Luiz era o sol do bairro e da família. Estava sempre alerta, sorrindo e confortando as pessoas tristes. Não tinha inimigos. Era um tremendo paquerador mas só amava uma garota com quem pretendia casar-se em 1987 para comemorar sua promoção a tenente, logo após seu regresso da viagem de instrução que faria ao estrangeiro como guarda-marinha.

Renato Luiz batizou-se na igreja de "Santa Bárbara" (Rocha Miranda), estudou catecismo na igreja "N. S. da Boa Esperança" (Honório Gurgel), fez a 1ª comunhão com o capelão Navarro e se crismou com o saudoso bispo Azeias. Amava intensamente a vida. Com sentimento cosmopolita adorava as músicas de sua geração. Simone e Milton Nascimento eram os seus favoritos. Apreciava filmes de suspense e gostava de piscina, praias, excursões, corrida e de bons livros. Quando estava de férias ou de licença, lia (como seu irmão Raymundo e sua irmã Yviah) os 3 jornais que o pai comprava diariamente (e os 4 aos domingos), bem como as revistas. Renato dançava com um ritmo contagiante e selecionava cuidadosamente seus ambientes de "curtição": Samba do Portela; Roda de Samba do Clube dos Suboficiais e Sar-

gentos da Aeronáutica; futebol, vólibol, natação e bailes do Clube Militar da Vila (CMVM); bailes e musculação no Grêmio de Rocha Miranda; discotecas moderadas e shows de mulatas. Era botafoguense mas só gostava de torcer nos campos de futebol, misturado com a galera. Portela era sua escola de samba.

Renato Luiz vibrava com os folhetos de cordel de seu pai; a arte culinária e o artesanato (silk-screen) de sua mãe; o sucesso de seu irmão (capitão da Marinha), de sua irmã (professora fazendo pós-graduação) e de seus colegas e mestres. Renato era meigo, simples e corajoso. Não tinha inveja. Ele e o Raymundo eram os maiores vigilantes do bairro, contra os predadores da Natureza e os que maltratam os animais. Em 1984 Renato correu cerca de 3 minutos pelo meio das ruas atrás de um carro cujo motorista havia atropelado, propositalmente, um cão virá-lata que dormia na sarjeta. O animal em coma foi levado pelo Raymundo a um veterinário na Estrada do Sapê, enquanto o Renato era consolado pelos amigos. Condenava os desonestos, especialmente quando soube que após a morte de seu avô paterno, fundador da cidade de "Santa Helena" (Paráíba), os "coronéis" roubaram as terras de sua vovó Rosinha e 3 órfãos menores.

Renato Luiz pesava 81 quilos, com um metro e 80 centímetros de altura, boa saúde, bons dentes e bonito físico. Tinha os pés chatos, o que não o impediu de ser um grande campeão em quase todas as modalidades de esporte de solo. A propósito, em fins de 1985 escreveu o seguinte de Belo Horizonte, onde competia pela Escola Naval: ... "Pai, mãe e manos: quando eu me formar lutarei para que as Forças Armadas nunca mais rejeitem os jovens só por causa dos pés chatos, porque isso é discriminação contra os nordestinos, tão capazes e patriotas como eu, que fui reprovado de início (puxei ao papai) mas venci na Junta Superior de Saúde, graças à coragem e à persistência de um oficial médico e seu enfermeiro... orgulho-me de meus pés e de meus pais: são as 4 rodas que me levam para frente e para cima...". Renato não tinha vícios mas apreciava um bom vinho às refeições. Aparentava ser

feliz e seguro com a união da família. Habitualmente abraçava seus pais dizendo: "eu amo vocês, sabiam?"

RENATO LUIZ do Nascimento, 22 anos de idade, carioca, aspirante do último ano da Escola Naval, morreu na noite de 26 de janeiro de 1986, domingo, com um tiro na cabeça, a bordo do contratorpedeiro "Mariz e Barros", que se achava no litoral da Bahia participando das manobras de rotina da Esquadra Brasileira. Seu corpo foi embalsamado em Salvador e na noite seguinte o caixão lacrado chegava em sua residência no Rio de Janeiro. Mais de mil. pessoas encheram a Rua Ivinheima em Rocha Miranda, onde o Renato há 22 anos também chegara dormindo nos braços da mãe. O corpo foi velado no quintal da frente, debaixo do pé de tamarindo, no mesmo lugar onde seu pai escreve poemas de cordel. Ninguém arredou o pé. A rua ficou interdita ao trânsito de veículos. No dia seguinte o comércio cerrou as portas ou ficou pela metade. O enterro, pela manhã, foi o maior acompanhamento fúnebre do bairro. Os motoqueiros fechavam o trânsito para o cortejo passar. No cemitério de Irajá, civis (e militares fardados) deram seu último adeus ao aspirante Renato Luiz. Seus colegas da Escola Naval conduziram o corpo pesado do ex-atleta, ali calado, em contraste com os seus hábitos de vida, como grande amante dos bate-papos. Chorando copiosamente, sua mãe, seu pai, seu irmão, sua irmã, seus tios e primos, encabeçavam o restante da massa humana, tristonha e silenciosa que lotava as passarelas dos mortos. A bandeira do Brasil cobria o caixão. Os fuzileiros navais deram 3 salvas de tiros de fuzil. O capelão Bettencourt encomendou a alma. O corneteiro tocou silêncio, enquanto o corpo, inerte, descia à sua última morada, a cova nº 58.348, exatamente às 11 horas do dia 28 de janeiro de 1986, terça-feira. A mãe do Renato Luiz, Yara de Souza Nascimento, com o rosto ensopado de lágrimas e a voz embargada, fez uma despedida comovente. Aos aspirantes, colegas de seu filho, assim falou: "Peço a Deus que vocês recebam no dia 13 de dezembro a tão sonhada espada que meu filho tanto desejou mas nunca poderá recebê-la. Para mim, é como se fosse ele!"

Vida e Morte do Aspirante Renato Luiz (16-6-1963 x 26-1-1986)

O aspirante Renato Luiz foi enterrado no chão que o viu nascer. Quis o destino irônico que fosse no mesmo dia e hora em que seu pai, há 41 anos, pisava pela primeira vez o solo carioca, como simples marinheiro do contratorpedeiro "Bracuí", participando das manobras de rotina da Esquadra Brasileira na II Guerra Mundial: 28-1-1945.

Na missa de 79 Dia (capelão Navarro e Pe. Olímpio — 3-2-86 — 19:30 h) a espaçosa igreja de Santa Bárbara estava cheia, apesar da procissão de S. Brás que reteve muitos vizinhos no trânsito congestionado e chuvoso.

Últimas palavras do Renato, pelo telefone, de Maceió: "Mãe, estive com a Zinha em Recife. Ela e a Quel vão bem. Olha, eu amo vocês, sabiam? Mesmo quando eu me casar, ficarei velhinho ao lado de vocês! No fim do mês tou aí, se Deus quiser. Fala com o mecânico Wilson pra dar um jeitinho no meu Sedan, tá? Não me arrependo de ter raspado a caderneta de poupança pra comprar o fusquinha! Brigado a vocês pelo rádio! Bença mãe! Bença pai! Um beijão! Tchau!"



Renato 1973



Pai do Renato (1945)

AGRADECIMENTO

Agradecemos as preces e orações dos irmãos espíritas e evangélicos. Agradecemos o apoio dos oficiais, alunos, sargentos, marinheiros e fuzileiros da Escola Naval, CT "Mariz e Barros", 1º DN e do CFN. Agradecemos ao Coral de Santa Bárbara, regido pelo maestro Mário Calil. Agradecemos as 2 missas do CMVM e o amparo dos amigos e parentes, através de cartas, telegramas, telefonemas, assinaturas no Livro-Lembrança e de contatos pessoais, cujos nomes serão incluídos no livro de memórias a ser publicado pelo pai do Renato, no dia 31 de outubro próximo, 6ª feira, das 13 às 19 horas, no Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, Rua do Rosário, 104, 3º andar, telefone 222-9182 (José Louzeiro). Esse livro ("Memórias de um Tenente sem Malícia") será o

19 e o único em prosa do poeta de cordel Raimundo Santa Helena, cujo destino está marcado por tragédias, desde o assassinato do pai, delegado Raimundo Luiz, até a morte do filho, aspirante Renato Luiz. Os direitos autorais serão destinados à BIBLIOTECA DE CORDEL ASPIRANTE RENATO LUIZ a ser inaugurada no dia 13 de dezembro deste ano. (Rio, 26-2-1986. Família Nascimento).

Convite: Já que nenhum órgão do Renato Luiz pôde ser doado para salvar outras vidas, como ele queria, que a sua morte seja útil à humanidade, como nós queremos. Fundaremos a *Sociedade Internacional de Doadores de Vida* (SIDV), vinculada à ONU, cujos sócios doarão seu sangue em vida e seus órgãos na morte. Aguarde pela imprensa a data e hora da 1ª assembleia-geral ou escreva pra caixa postal 17.055, Rio de Janeiro, CEP 21312 (Yara e Raimundo Santa Helena) – Tel. 359-6175. Seja sócio e receba, em vida, o título de *Benemérito da Humanidade*, que será imortal.

Folheto 114-302-1344. Rio, Brasil, de 26-1-86 a 26-2-1986. 11 mil exemplares. 1ª edição. Produção artesanal de Raimundo Santa Helena, poeta do Sertão da Cajazeiras, Paraíba, de onde fugiu com 11 anos de idade pra vingar a morte de seu pai assassinado por Lampião em 9-6-1927. Mas chegou em Fortaleza como pau-de-arara, dormiu na sarjeta, comeu restos de comida, porém se reabilitou trabalhando 13 horas por dia e estudando à noite num galinheiro, à luz de lamparina. Ingressou na Marinha e hoje é ex-combatente remunerado. Com este folheto completa 302 títulos de cordel publicados, com um milhão e 344 mil exemplares divulgados no Brasil e no estrangeiro. Santa Helena em 6 anos foi citado 1.700 vezes nos jornais, revistas, rádio e TV, de maneira positiva, pelo seu trabalho em defesa da Literatura de Cordel, com 303 palestras, etc., nas escolas, exposições e imprensa. É Sócio Benemérito da Ordem Brasileira dos Poetas Cordelistas: Foi agraciado pela Ordem com os títulos de "Cidadão da Cultura Popular" e "Cavalheiro da Ordem dos Cantadores": No pleito de 25-8-83 da Academia Brasileira de Letras, teve 4 votos. Foi eleito Acadêmico Efetivo da Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Conquistou a Praça 15 para os repentistas, cordelistas e xilogravadores, na Feira de Artesanato. Conseguiu carteirinhas funcionais para eles, junto à Diyisão de Fólclore do ERJ (Cásia Frade). Liderou a campanha contra o dicionário escolar do MEC que não reconhecia o Cordel como Literatura. Idealizou e redigiu a "Carta de Princípios", aprovada por unanimidade da classe. (Yara Lêdo Maltez)

7 Toda minha produção literária pode ser reproduzida com citação da autoria. Raimundo Santa Helena, caixa postal 17.055, Madureira, Rio. CEP 21312.

Vida e Morte do Aspirante Renato Luiz (16-6-1963 x 26-1-1986)



Foto a bordo do navio "Barão de Teffé" (Rio, 3-10-1983)

8

Yara de Souza (secretária da Cordelbrás) e Renato Luiz (aspirante da Escola Naval), esposa e filho, respectivamente, do poeta de cordel Raimundo Santa Helena (no centro). Segue-se (de quepe) o capitão-de-mar-e-guerra Fernando Pastor, 1º comandante do navio, passando o comando ao seu colega (ao lado), capitão-de-mar-e-guerra Paulo Cezar de Aguiar Adrião.

4657



O cordelista Raimundo Santa Helena disse estar convencido, após receber telefonema de amigos de seu filho, de que a morte do aspirante Renato Luiz do Nascimento, ocorrida antontem no contratorpedeiro **Mariz e Barros**, em Salvador, foi acidental. Renato Luiz foi enterrado ontem no cemitério de Irajá com honras militares — toque de silêncio e três salvas de 26 tiros. Dona Yara de Souza, mãe de Renato, chorou convulsivamente enquanto o caixão baixava à sepultura.

Mais calmo que sua mulher, Raimundo contou que durante muitos anos ele e a esposa haviam escovado os dentes com sabão e contado moedinhas para a passagem, para

poder pagar o estudo dos filhos. Disse que Renato sempre foi alegre e era um ótimo filho.

Marinha sepultou corpo do aspirante Renato Luiz no cemitério do Irajá